

Oficina de leitura: uma proposta para o ensino-aprendizagem de alunos de 5ª a 8ª séries

Bruhmer Cesar Forone Canonice

Departamento de Administração, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil.

RESUMO. A proposta metodológica que apresentaremos está voltada à leitura de textos jornalísticos. Trata-se de uma atividade a ser trabalhada com alunos de 5ª a 8ª séries, mediante a realização de uma entrevista com uma turma de 8ª série, de um colégio da Rede Estadual de Ensino de Maringá.

Palavras-chave: proposta, oficina, leitura, pesquisa.

ABSTRACT. Reading overshop: a teaching-learning proposal for junior high school students. The methodological proposal present will deal with journalistic texts reading. This activity will be performed by junior high school students according to the results of an interview with the last year class of a school of the state system in Maringá.

Key words: proposal, workshop, reading, researche.

Ao tomar conhecimento dos interesses dos alunos de uma 8ª série de uma escola estadual da cidade de Maringá/Pr quanto aos textos jornalísticos que gostariam de estudar em sala de aula, pudemos supor que, para haver sucesso no aprendizado, é importante que o professor utilize todo tipo de material escrito, desde livros até textos sociais não escolares. É por isso que defendemos que as atividades extraídas de jornais devem ser aceitas como fontes de informações recheadas de novidades e textos que poderão incitá-los a adquirir o hábito da leitura - não por mera exigência dos professores, restrita a salas de aula, mas que o façam de modo estimulante, prazeroso e produtivo.

Vale notar que consideramos relevante proceder, antes de tudo, a uma espécie de *sondagem* dos temas de preferência dos alunos - e isso foi possível através da aplicação de um questionário que achamos ser pertinente a esse processo de investigação -, os quais acreditamos ser compatíveis com sua visão de mundo, sua cultura, enfim, que façam parte do seu cotidiano, resultando na criação de um clima de prazer entre o leitor e o texto, ou seja, nesse momento haverá um envolvimento tal que lhes permitirá a *expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais, a criatividade ou a tomada de posição* (Bordini e Aguiar, 1993: 33).

Sabemos que, se pretendermos formar leitores competentes, não deveremos adotar um único

método, pois, embora necessário, por si só é insuficiente à formação do leitor polivalente, crítico e criativo. Além disso, é necessário que alunos e professores se apropriem progressivamente de estratégias de leitura e de escrita.

Prendemos, com a proposta, deixar claro para o professor - e conseqüentemente para o aluno - que há uma ampla variedade de textos informacionais que um jornal pode trazer.

Concepção de oficina

Oficina significa ação, trabalho, um lugar de grandes transformações. Mas que tipo de atividade e trabalho se pode imaginar em uma oficina de leitura? Em primeiro lugar, para se criar uma oficina de leitura é preciso que se tenha um grande prazer em ensinar os alunos e promover em sala de aula condições para o desenvolvimento do leitor.

É fundamental que essa oficina apresente objetivos claros e definidos para que a aprendizagem se processe, tais como: desenvolver as capacidades e as habilidades do aluno, através de atividades de leitura; oferecer atividades capazes de estimular o prazer pela leitura, selecionando e comentando textos que se tornem interessantes; alertar o aluno para a descoberta das diversas possibilidades de leitura e desenvolvê-las com o apoio de opiniões e experiências de vida daqueles que manifestarem o desejo de se expressar.

Não se pode desconsiderar que toda atividade de leitura na oficina é coletiva, pois, ao ler um texto, seja ele qual for, o aluno desencadeia todo um sistema de valores, crenças e atitudes neles enraizados e que refletem o grupo social em que se deu sua alfabetização primária, isto é, o grupo social em que foram criados.

Para a criação desses grupos, os profissionais envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem deverão aproveitar a oportunidade para discutir o ensino de leitura, reconhecendo que é

fundamental para dar solução a problemas relacionados ao pouco aproveitamento escolar: ao fracasso na formação de leitores podemos atribuir o fracasso geral do aluno no primeiro e segundo graus (Kleiman, 1993:7).

O professor deverá aplicar atividades que criem condições para o leitor em formação voltar ao texto e, na retomada, conseguir compreendê-lo e, conseqüentemente, passar a construir seu próprio saber sobre texto e leitura. Para que isso ocorra, é necessário que se planejem estratégias de leitura eficientes, que possibilitem ao aprendiz a compreensão da palavra escrita, que é um veículo de assimilação de conhecimentos, de interiorização e de reflexão. Isso contribuirá para que ele participe ativamente da sociedade que impõe, a cada dia, mais exigências de leitura e cultura.

Na oficina, o professor deverá, ainda, despertar paixões pela leitura nos alunos, motivar interesses, hábitos e gostos, não esquecendo que só será possível alcançar esses objetivos se ele (o professor) estiver motivado e perceber *a leitura como um valor cultural que os enriquece* (Costalonga, 1997:3), professor e alunos.

Análise dos dados levantados

A pesquisa foi realizada em uma classe de 8ª série, com 32 alunos presentes, num determinado dia do mês de agosto/1997, em uma Escola Estadual, na cidade de Maringá-Pr.

Elaboramos um questionário, contendo as seguintes perguntas:

1. Nome;
2. Idade;
3. Sexo;
4. Série;
5. Você costuma ler algum tipo de jornal?
6. Se a resposta da questão anterior for SIM, cite um jornal de sua preferência;
7. O que mais te interessa num jornal? Esporte, Notícias Policiais, Classificados, Escândalos, Cultura (TV, Cinema, Música, Teatro), Ciência, Moda, Informática, Outros?;

8. Seu professor de Língua Portuguesa costuma trazer reportagens de jornal para discutir com sua turma? (Com as opções de resposta: Sempre Traz; Nunca Traz e Traz Pouco);
9. Que assunto da atualidade você gostaria que seu professor trouxesse para a sala de aula, para ser estudado, extraído de um jornal?

Temendo haver interferências nas respostas, achamos por bem aplicar o questionário em uma disciplina que não fosse a de Língua Portuguesa, pois, considerando a questão nº 8: *Seu professor de Língua Portuguesa costuma trazer reportagens de jornal para discutir com sua turma?*, poderia ocorrer que esse professor não concordasse em autorizar nosso trabalho.

A faixa etária dos alunos apresentou variação entre 13 e 17 anos, dos quais 10 pertenciam ao sexo masculino e 22 ao feminino.

Perguntado se costumavam ler algum tipo de jornal, 12 responderam NÃO e 20 SIM. Os que responderam afirmativamente citaram os seguintes jornais: *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo*, *O Diário do Norte do Paraná*, *Gazeta do Povo* e *Folha de Londrina*. Apesar de estar incluído na lista dos que lêem, um aluno respondeu que não tem nenhuma preferência.

Quanto à questão *O que mais te interessa num jornal?*, em que fornecemos algumas opções de escolha, tais como: Esporte, Notícias Policiais, Classificados, Escândalos, Cultura, Ciência, Moda, Informática e Outros, obtivemos as seguintes respostas: 16 tinham preferência por *Esporte*; 8 por *Notícias Policiais*; 7 por *Classificados*; 14 por *Escândalos*; 26 por *Cultura*; 10 por *Ciência*; 19 por *Moda*; 10 por *Informática*; e 4 por *Outros*, no que citaram: Quadrinhos, Sexualidade, Horóscopo e Ciência Robótica.

Como já era esperado, na questão *Seu professor de Língua Portuguesa costuma trazer reportagens de jornal para discutir com sua turma?* nenhum aluno afirmou que *Sempre Traz*; 16 disseram que *Nunca Traz* e 15 responderam que *Traz Pouco*.

Talvez pareça um pouco contraditório o fato de alunos responderem *Nunca Traz* e *Traz Pouco*. Ao tentar averiguar o porquê dessas respostas, um aluno dessa mesma turma relatou que o seu professor da disciplina Língua Portuguesa certa vez trouxe uma reportagem sobre um cometa, apenas para mostrar a foto à sala. Isso nos leva a supor que tenha ficado na memória dos alunos que responderam *Traz Pouco* essa única ocorrência, mas, ainda de acordo com nossa investigação, o professor sequer discutiu o texto da reportagem, limitando-se, apenas, a mostrar a foto, uma vez que a reportagem não continha texto.

Na questão *Que assunto da atualidade você gostaria que seu professor trouxesse para a sala de aula para ser estudado, extraído de um jornal?* obtivemos as seguintes respostas: *Etês; Automobilística e Ciência robótica, Descobertas científicas, Astronomia, Assuntos policiais, O mistério do Chupa-cabra, Esporte, Ciências, Escândalos, Descobertas da medicina, Mitologia, etc.*

Como se pode notar, apesar de sugerirmos alguns assuntos a serem assinalados na questão nº 7, os alunos tiveram a oportunidade de demonstrar seus interesses pela leitura de jornal, enfatizando assuntos relacionados à ciência, e uma das escolhas que mais pesou foi sobre a polêmica do Chupa-Cabras, que, de acordo com nossa proposta, coletamos reportagens extraídas do *Jornal Folha de S.Paulo*, por considerarmos o que mais publica esses tipos de reportagem.

O jornal em sala de aula

Como nossa proposta de oficina de leitura estará voltada a trabalhar em sala de aula com reportagens de jornais, achamos por bem abrir um parêntese para expor os conceitos e idéias relevantes quanto à utilização desse *veículo de comunicação* tão pouco utilizado nas escolas de 1º e 2º graus.

A linguagem jornalística. A prática do texto jornalístico inclui todas as atividades que põem o aluno em contato com a língua: a leitura, a conversação, os debates, as pesquisas escolares em geral, a televisão, a produção escrita, a música cantada ou ouvida, o contato informal ou formal com outras pessoas, enfim, todas as atividades de comunicação e expressão cujo veículo seja a língua, além de desenvolver-lhe o espírito crítico e preveni-lo sobre as ilusões da neutralidade e objetividade do texto.

Ao propormos atividades com o jornal na sala de aula, estaremos visando justamente a dar ao professor a oportunidade de ensinar a língua espontaneamente, partindo sempre de assuntos encontrados nos jornais que realmente interessem aos alunos ou cujo interesse o professor seja capaz de promover.

Segundo Faria (1996), para entendermos melhor em que consistem os diferentes jogos de linguagem do texto jornalístico, podemos nos centrar no rastreamento de algumas funções da linguagem em diferentes jornais, tal como os lingüistas as têm estudado, e que são usadas clara ou disfarçadamente em textos jornalísticos - *raramente utilizadas puras ou isoladas, mas conjugadas entre si, com a predominância mais evidente de uma delas em particular.* (p. 49), a saber: *função referencial, função expressiva ou emotiva e função conativa ou interpelativa.*

A *função referencial* no jornal é aquela que estabelece a conexão mais *pura*, mais direta entre o acontecimento e a notícia. É a função que narra o fato com a maior objetividade possível; com a menor interferência possível de *fatores pessoais ou grupais, como a emotividade, a ideologia que orientaria a posição do jornalista* (p. 50) a versão do fato, segundo interesses do jornal, de grupos econômicos ou sociais, etc. Todavia, esse caráter de objetividade é bastante duvidoso e até considerado um mito, pois dificilmente a imprensa se coloca numa posição neutra, deixando somente ao leitor tirar suas próprias conclusões a respeito dos fatos.

A *função expressiva ou emotiva* centra-se no remetente (eu, a gente, nós) e objetiva transmitir a emoção do falante fazendo com que o ouvinte ou leitor a experimente na comunicação. O emissor expressa as *suas* impressões, os *seus* sentimentos; *em muitos casos ele escreve para expressar o seu eu, em geral em textos feitos aparentemente para si mesmo* (p. 62).

Em jornais, essa função está presente de forma a apresentar-se com matérias engajadas, como: comentários, enquetes orientadas, entrevistas nas quais a personalidade entrevistada deixa exprimir sua opinião, discursos, ordens do dia, notas, crônicas e seções, editoriais, artigos-chave, etc.

Também é encontrada em manchetes e títulos que têm por objetivo prender a atenção do leitor pelo lado emocional. *É comum também em textos de redatores que usam o jornal para fazer o leitor viver emocionalmente um acontecimento qualquer* (p. 63).

O leitor encontra todo tipo de subjetividade em reportagens de ocorrências policiais e catástrofes onde predominam os elementos passionais.

Na função expressiva, a escolha de um vocabulário de impacto é muito importante; um vocabulário que se poderia chamar de palavras-choque. Um jornal que causa esse tipo de reação e que chama a atenção pelo seu vocabulário é o *Notícias Populares*. Suas manchetes apelam para a emotividade do leitor e apóiam-se em elementos semânticos contidos nos segmentos da frase. E, com certeza, isso rende milhões nas vendas desse tipo de jornal, pois a fixação, por exemplo, em más notícias, em elementos passionais, obscuros, catastróficos da vida humana despertam no indivíduo o desejo de lê-lo, o que não aconteceria se apenas houvesse notícias banais, que acontecem dentro da normalidade, deixando de despertar o interesse e, conseqüentemente, não levando alguém a adquirir o jornal.

Na *função conativa ou interpelativa*, a ênfase recai sobre o *destinatário* (tu, você, vocês, a senhora, o

senhor) e tudo que pode ser incluído como vocativo (Ex.: *ó minha senhora*).

Encontramos essa função em textos publicitários e políticos, avisos, cartazes, correspondências profissionais, orações, mensagens radiofônicas, televisivas e telefônicas, em debates (onde aparece com o intuito de convencer o interlocutor), em diálogos, em sermões religiosos, em discursos políticos (principalmente em épocas de eleições), etc.

O uso da função interpelativa na imprensa é muito grande, *tanto em sua forma declarada como em sua forma atenuada ou mesmo disfarçada* (p. 71), seja em textos publicitários, seja em textos que pretendam influenciar o leitor com posturas ideológicas ou, ainda, transmitir-lhe uma determinada versão dos fatos tratados. Vale observar que o professor deve ater-se para o teor dessa imprensa, em que a função conativa é predominante.

É importante esclarecer que achamos válido apresentar todas essas funções de linguagem por um motivo muito óbvio: após descobrirmos os interesses dos alunos por reportagens que eles mesmos terão oportunidade de escolher (vide resultado da entrevista que fizemos com uma turma de 8ª série), proporemos atividades que envolverão essas funções, ou parte delas, como, por exemplo, o uso da função expressiva em que o aluno, no papel de emissor, fará uso de recursos áudio-visuais, de modo a incluir, nessa forma de comunicação, todas as entonações de voz que venham expressar o seu estado de subjetividade diante de uma possível reportagem televisiva.

O Lide. O lide é a abertura da notícia, reportagem, etc., onde se apresenta sucintamente o assunto. É o resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto jornalístico, levando o leitor a tomar conhecimento do fundamental de uma notícia em rápida leitura do *primeiro parágrafo*.

Encontramos no lide as respostas básicas referentes ao assunto: *quem fez o quê e quando*, seguindo-se das explicações: *como, onde e por quê*. Não necessariamente, essa deva ser a ordem do lide, que pode ser alterada, dependendo da importância de cada uma das informações.

Tomemos como exemplo a seguinte reportagem, extraída do *Jornal O Diário do Norte do Paraná*, de 23/08/97:

LEÕES NASCEM EM CIRCO
INSTALADO EM MARINGÁ
Três filhotes de leão nasceram na madrugada de ontem, no Jardim Hortência. Eles são filhos do casal Jaques e Gina, leões de origem africana. Eles fazem

parte das atrações do circo Atila's, que fica na cidade até segunda-feira.

Gina passou toda a madrugada em trabalho de parto e acredita-se que deu a luz a dois machos e uma fêmea. Segundo o tratador de animais do circo, Agostinho Blaske, não se pode ter certeza ainda porque é perigoso se aproximar da jaula onde estão as crias.

'Se a leoa acha que os filhotes estão correndo risco, ela mata eles. Por isso, temos que dar espaço à Gina, antes da gente se aproximar dos leõezinhos', explicou Blaske.

O 'bicheiro', como é conhecido no circo, disse que a gestão de Gina durou três meses e o 'parto' foi sem problemas. E Agostinho também contou que o namoro dos leões é muito bonito. 'Nós soltamos eles aqui na área cercada e aí começa o namoro. Ele rodeia ela, lambe, beija na boca e, depois do amor, eles se deitam e dormem juntos, que nem gente mesmo.' Ana Paula Machado - Da Redação

De posse dessa reportagem, podemos identificar as seguintes respostas do lide:

Respostas básicas	
Quem	Três filhotes de leão
Quê	Nasceram
Quando	Na madrugada de ontem
Explicações	
Como	Em parto sem problemas
Onde	No Jardim Hortência
Por quê	-

Nota-se que, como prevê a composição do lide, em que não há necessidade de encontrarmos todas as explicações para as respostas básicas do texto jornalístico, não foi viável levantarmos a informação do *porquê* do nascimento dos leõezinhos.

A proposta

Primeiro encontro. O professor, no início da aula, deverá expôr no quadro-negro as características do texto jornalístico. Começará, de forma bastante sucinta, a escrever sua organização e, se assim o desejar, fará uma demonstração de um exemplar de jornal de sua preferência.

Gastará um tempo necessário para apresentar aos alunos as funções de linguagem dos textos jornalísticos, tais como: *função referencial, função expressiva ou emotiva e função conativa ou interpelativa*, nunca se esquecendo de que é importante copiar no quadro alguns exemplos dessas funções, retirados de vários tipos de jornal e, em seguida, deverá ensiná-los sobre o Lide.

Após o intervalo, o professor dividirá a classe em várias equipes e nomeará seus representantes. Distribuirá para cada grupo uma reportagem de

qualquer jornal para que visualizem com maior cuidado suas características (de preferência, cada reportagem deverá trazer um tipo de função de linguagem distinto), concedendo-lhes um tempo suficiente para discussões. É importante, nessa etapa, que o professor passeie pela sala para visitar cada equipe e interfira, de vez em quando, para reforçar o que tinham aprendido com a exposição no quadro.

Um pouco antes do término dessa aula, o professor deverá solicitar aos alunos que, em casa, pesquisem um jornal que esteja mais acessível e escolham uma reportagem de seu interesse para produzir e trazer na próxima aula um texto em que indiquem as funções da linguagem que aprenderam, não esquecendo de compor o lide de cada reportagem.

Segundo encontro. Num primeiro momento, o professor fará uma retrospectiva do que foi ensinado sobre o jornal na aula anterior, a título de situar aqueles alunos que por ventura tenham faltado, ou mesmo, dependendo da necessidade, recordá-los do assunto.

Solicitará, então, que o representante de cada grupo (agora com as equipes novamente formadas) selecione, em comum acordo com seus colegas, o texto que eles produziram em casa e que julgarem mais completo e mais estruturado. Para isso, talvez seja necessário que o professor intervenha apenas com sugestões, para não ser o responsável direto na escolha.

De posse do texto selecionado, cada líder terá a oportunidade de lê-lo em voz alta e transcrever no quadro-negro as funções de linguagem encontradas e a composição do lide.

Após o intervalo, o professor pedirá a cada equipe que exponha, em forma de debate, as suas reportagens, dando-lhes a oportunidade de expressar suas idéias, suas interpretações, e comentar algumas experiências vividas por eles ou seus familiares, ou pessoas que eles conheçam. Isso é importante para que os alunos que ouvirem os relatos comecem a perceber que a escola não existe apenas para ensinar e discutir assuntos que, para eles, possam parecer abstratos e, muitas vezes, sem sentido.

Antes de terminar a aula, o professor deverá solicitar às equipes que, mediante o texto que eles selecionaram, reúnam-se em casa para que indiquem um elemento para representar: um jornalista de estúdio, um repórter, um entrevistado e um comentarista.

Deverá explicar previamente as seguintes funções de cada personagem:

O jornalista de estúdio será o apresentador do programa jornalístico, que iniciará a reportagem, através da leitura do lide.

O repórter fará um aprofundamento da reportagem e, além de entrevistar, deverá deslocar-se a ambientes externos ao estúdio. Cabe a ele aprofundar-se no texto, expondo-o com detalhes. Poderá agir com mais naturalidade diante do fato narrado, além de fazer a leitura do *prompt* que ficará acoplado na câmera de gravação, caso julgue necessário.

O entrevistado responderá as perguntas do repórter, podendo, ainda, apresentar críticas ao fato e mostrar sua posição diante dele.

O comentarista ficará no estúdio de gravação para tecer alguns comentários sobre o fato, podendo até fazer uma rápida crítica sobre o assunto, ou explicar/esclarecer algumas dúvidas que achar necessário.

O professor revelará aos alunos que irão produzir um telejornal a ser exibido para a classe, e que será eleito, no final, o melhor de todos, o que tornará suas expectativas mais interessantes, pois não será difícil perceber o quanto os alunos estarão curiosos diante das explicações e incumbências.

Exemplificaremos, a seguir, o que poderia ser feito após a indicação dos personagens, munidos do texto que cada representante da equipe selecionou.

Sugerimos que o professor tome a seguinte reportagem, extraída do *Jornal Folha de S.Paulo*, de 15/08/97:

ELEIÇÃO DE CHIPANZÉ MOBILIZA TRE NO RIO

A eleição do chipanzé que receberá o título de 'Sua Majestade do Zôo' do Rio mobilizará, a partir de hoje, dez funcionários do TRE (Tribunal Regional Eleitoral) e dez urnas eletrônicas.

Os candidatos são Paulinho, 12, e Pipo, 24. O vencedor vai substituir o macaco Tião, morto em dezembro do ano passado.

Tião entrou para a história carioca ao ser lançado 'candidato' a prefeito do Rio, em 1988. Ele recebeu 400 mil votos, ficando em terceiro lugar.

A solenidade de abertura das votações contará com as presenças do desembargador do TRE, Enéas Cotta, e do secretário municipal de Meio Ambiente, Maurício Lobo.

Está marcada para as 10h, no Jardim Zoológico, que fica na Quinta da Boa Vista (zona norte do Rio).

As urnas eletrônicas são oficiais, do modelo utilizado nas últimas eleições para prefeitos e vereadores. Elas foram instaladas pelo TRE ontem no terraço da minifazenda do Zôo.

O TRE disponibilizou um funcionário para fiscalizar cada urna. A votação vai até o dia 23.

A direção do zôo não vai divulgar resultados parciais para não influenciar o resultado. O vencedor será anunciado às 11h do dia 23. Quem quiser pode votar via Internet (www.centralcard.com.br/defensoresdanatureza).

Silvia Noronha - free-lance para a Folha.

Supondo haver três alunos que representem o jornalista de estúdio, o repórter e o comentarista (observe que, nessa reportagem não aparece e nem daria para entrevistar um chimpanzé, a menos que optemos por transformar o programa em uma paródia ao jornalismo), faríamos uma atividade com as seguintes falas:

A primeira cena deverá ser montada no estúdio. O cenário poderá ser uma parede da própria sala de aula, com uma possível logomarca improvisada por um elemento da equipe, a ser afixada ao fundo:

Jornalista de estúdio (ou âncora). Esse personagem deverá expressar o lide para a sua apresentação e poderá fazer uso de sua leitura no *prompt*, que poderá ser acoplado ou segurado por um elemento da equipe, ao lado da câmera:

- Dois chimpanzés estão agitando a cidade do Rio de Janeiro. Calma, não se trata da chegada de nenhum circo na cidade. É época de eleição no zoológico!

Repórter (cena 1). Sugerimos que, a partir daqui, sejam gravadas as cenas em algum parque que tenha zoológico, ao lado das jaulas dos macacos, para reproduzir, supostamente, um zoológico do Rio de Janeiro. O repórter deverá gravar esta cena, caminhando em direção a uma jaula:

- É nesta jaula que funciona o comitê do chimpanzé Paulinho, de 12 anos, que disputará as eleições para o título de 'Sua Majestade do Zôo'. Seu adversário, que está instalado naquela outra jaula, o chimpanzé Pípo, de 24 anos, acredita demais que ganhará as eleições, pois, segundo ele, o seu antecessor, o macaco Tião, morto em dezembro do ano passado, que era do mesmo partido político, apoiava sua substituição, por considerar que ele, além de ser mais velho e experiente, é mais controlado com os gastos públicos.

Se assim o desejar, o(a) repórter poderá solicitar ao câmera que corte a gravação e continue em outro ponto do zoológico, próximo às jaulas, ou mesmo ao lado de outra, para fazer de conta que se trata do comitê do segundo candidato. Esse procedimento facilitará a mudança do texto no *prompt*.

Prosseguindo à reportagem:

Repórter (cena 2):

- O TRE (Tribunal Regional Eleitoral) estará mobilizando, a partir de hoje, dez funcionários e dez urnas eletrônicas para que a eleição aconteça sem nenhum transtorno. O candidato eleito receberá como prêmio uma coroa comestível, com verduras, legumes e frutas.

Há outras informações nessa reportagem que poderão ser exploradas pelo(a) repórter, conforme a sua criatividade.

Comentarista. É necessário que esse personagem grave sua fala no estúdio improvisado na sala de aula (parede e duas carteiras), podendo a gravação ocorrer logo após a primeira fala do jornalista, ou, ainda, no momento posterior à gravação em externas, no parque. No momento da exibição, esse personagem deverá aparecer logo após as cenas externas:

- Segundo a direção do zoológico, essa é a primeira eleição animal do país!

Quem quiser, poderá votar via Internet. Anote o endereço: www.centralcard.com.br/defensoresdanatureza.

Resta saber se, a exemplo das eleições humanas, os macacos também não usarão de artifícios não muito dignos para conseguir se candidatar...

A palavra *animal* está destacada porque sugerimos que o personagem dê uma entonação especial ao pronunciá-la, pois, conforme temos observado os adolescentes, eles costumam dizê-la de uma maneira arrastada, referindo-se ao jogador de futebol Edmundo, recentemente do Vasco da Gama.

E para finalizar esse exemplo de jornalismo televisivo, o câmera, logo após a fala do comentarista, deverá dirigir-se ao jornalista de estúdio, que dirá o famoso chavão:

Jornalista:

- Boa Noite! (ou Bom Dia, ou Boa Tarde).

Vale notar que, embora a reportagem da *Folha de S.Paulo* tenha abordado o assunto com a função quase que predominantemente referencial, optamos por sugerir uma atividade em que essa mesma reportagem seja apresentada com um certo tom humorístico, apostando num maior envolvimento dos alunos, que liberariam suas fantasias e criatividade.

Como vimos, nesse exemplo adaptamos a matéria, enfatizando a função expressiva.

Além de nossa preocupação em teorizar a respeito das funções da linguagem do texto jornalístico, o lide, sem dúvida, auxiliará na composição das falas dos alunos, em especial a do jornalista de estúdio. Aos outros, caberá desenvolver seus textos em cima do que for elaborado por esse personagem.

Encerrada a explicação do professor, através desse exemplo, no final desse segundo encontro deverá solicitar-lhes que tragam no dia seguinte textos previamente elaborados, para que se inicie, então, à fase de filmagem dos telejornais.

Provavelmente, o professor que aplicar essa proposta venha a questionar o fato de que nem todos os alunos estarão envolvidos com a produção do telejornal, pois propusemos quatro personagens que estarão à frente das câmeras e seria muito desgastante

dividir a classe em dez ou doze equipes, para que todos estivessem à frente do programa.

Mas dever-se-á levar em consideração que, numa produção televisiva, há aqueles que participam também como apoiadores técnicos, que estão atrás das câmeras e que cumprem seu papel de modo relevante, como: o câmera, o contra-regras, o iluminador, etc.

Sem falar que, se houver ainda elementos da equipe que queiram, também, de alguma forma, aparecer no vídeo, o professor não deverá privá-los de participar, sugerindo-lhes, até, que atuem como figurantes nas filmagens externas, ou que participem também como entrevistados. Afinal, não limitamos o número de repórteres, muito menos o de pessoas a serem abordadas na rua, por exemplo, para concederem uma entrevista.

Terceiro encontro. Começam-se as filmagens dos telejornais.

Talvez essa etapa exija um maior tempo para a realização dos programas, visto que, dependendo das reportagens, seria interessante, como no exemplo que trabalhamos a pouco, haver um deslocamento das equipes para outros ambientes externos à escola. Isso, conseqüentemente, inviabilizará a continuidade normal das aulas da disciplina, pois o professor deverá coordenar de perto as produções. O interessante, nesse caso, é que essa oficina aconteça paralelamente às aulas, num período de tempo alternativo.

Poder-se-á, também, como opção, utilizar o próprio pátio da escola, sem necessariamente haver um deslocamento para outros lugares que não a escola. Tudo é uma questão de bom senso.

A previsão para essa etapa é de que se gastem dois ou três dias letivos.

E, por último, já com todas as filmagens concluídas, o professor exibirá os telejornais produzidos para todos os alunos, em sala de aula, ou onde melhor lhes convier.

Certamente, todos que estiverem assistindo divertir-se-ão muito e até poderão avaliar seu trabalho. Perceberão, ainda, que nada poderiam ter feito sem que eles se dispusessem a pesquisar os textos jornalísticos e, como conseqüência, terão a oportunidade de chegar à conclusão de que estudar a língua pode ser motivo de muito prazer.

Quanto à escolha da equipe que melhor se desenvolver nas atividades, o professor poderá utilizar critérios que achar mais convenientes.

A leitura é, sem dúvida, o que a escola pode oferecer de bom aos alunos. É o seu prolongamento na vida, já que a maioria das pessoas, no seu dia-a-dia, lê muito mais do que escreve. Portanto, a

prioridade absoluta no ensino da língua portuguesa deveria ser a leitura e, *conseqüentemente*, a língua escrita iria fluir de forma a capacitá-los na produção de seus textos.

Os trabalhos com jornais são apenas uma proposta de ensino que elaboramos. Sua eficiência dependerá, porém, da forma como o professor se dispuser a desenvolver suas atividades. E isso também tivemos o cuidado de abordar com a metodologia. Valem, entretanto, a coragem e o bom senso do educador para nortear os caminhos do ensino em sala de aula.

Bem sabemos, também, que a escola não pode deixar de reconhecer o fato de que as crianças aprendem a falar uma variedade do português própria de sua comunidade. Logo, deveria apresentar-lhes opções de leitura que não se restrinjam às gramáticas contidas nos livros didáticos, mas que vão de encontro com seus dialetos, seus conhecimentos lingüísticos e de mundo. E o jornal é um ótimo instrumento porque oferece textos que representam a linguagem do cotidiano das pessoas.

Buscamos, também, anunciar que a leitura descomplica o mundo da escrita, além de ser um processo de descoberta, como, por exemplo, a busca do saber científico. Outras vezes pode ser superficial, sem grandes pretensões; uma atividade lúdica.

Assim como a escrita, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização e de reflexão. Por isso entendemos que não pode ser uma atividade secundária na sala de aula, uma atividade para a qual o professor e a escola não se dispõem a dedicar um tempo significativo, na ânsia de retornar a problemas de escrita, julgados mais importantes.

Ao professor que se conscientizar dessas alternativas, lançamos o desafio de deixar de colocar-se numa posição de leitor crítico com a tarefa de detectar inúmeras espécies de falhas dos alunos, tanto na leitura como na escrita, pois o seu papel deve ser o de procurar uma forma de transferir-lhes pistas que os orientem ou os levem a uma organização mais coerente dos elementos que compõem uma língua.

Referências bibliográficas

- Alliende, F.; Condemarín, M. *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- Batista, A.A.G. *O professor é um não-leitor?* 11º COLE - CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, Unicamp, Campinas/SP, 14 jul.1997.
- Bordini, M. da G.; Aguiar, V.T. de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

- Costalonga, É.M.F. A leitura como fonte de prazer e de saber. *Jornal do Alfabetizador*, Porto Alegre, 1997.
- Faria, M.A. *O jornal na sala de aula*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 1996 (Série Repensando a Língua Portuguesa).
- Geraldi, J.W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- Kleiman, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1993.
- Machado, A.P. Leões nascem em circo instalado em Maringá. *O Diário do Norte do Paraná*. 23 ago. 1997. p.6.
- Martins, M.H. Leitura: história do leitor. In: *Simpósio Nacional de Leitura*. Rio de Janeiro: Proler, Centro Cultura do Brasil, 1994.
- Noronha, S. Eleição de chipanzé mobiliza TRE no Rio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15 ago. 1997. Cotidiano, v.3, p. 8.

Received on July 03, 1998.

Accepted on February 26, 1999.